

Anexos de viagem: uma experiência do uso de questionários como ferramenta complementar de Cartografia Cognitiva em estudo com jovens.¹

Victor ROCHA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Nossa proposta é registrar e desenvolver aprendizados a partir de uma das primeiras etapas de nossa pesquisa cartográfico-cognitiva, ainda em andamento: o desenvolvimento e aplicação formulários focados em autopercepção (identidade) e evocação livre produzidos com jovens entre 16 e 18 anos. Trata-se de uma análise do percurso metodológico e do desenvolvimento de uma ferramenta que nos serve dentro de um estudo maior sobre Comunicação e Juventudes. Essa etapa da pesquisa incluiu um grupo controle de dez jovens para validação do questionário e posterior aplicação com outros cinco jovens, que serão acompanhados durante três anos.

PALAVRAS-CHAVE

Formulário; Juventudes; Cartografia; Comunicação; Autopercepção.

INTRODUÇÃO

Este texto trata da parte inicial de um projeto que busca examinar de que forma se constrói e para onde caminha o consumo de mídia informativa brasileira. A experimentação de novos formatos e estratégias é de grande valor para que possamos pensar as mídias comunicacionais neste tempo. Compreende-se por “experimentação” um teste projetado que busca efeitos e resultados. A Comunicação deve experimentar para se adaptar às novas realidades e audiências, e os estudos de recepção parecem fundamentais nessa caminhada.

Neste sentido, propõe-se traçar uma cartografia que se alimente de histórias vividas e de acontecimentos cotidianos tecidos em processos de recepção midiática, compreendendo que nossa metodologia é múltipla, construída na condução de desafios e descobertas conjuntos dessa jornada científica imersiva, que é também experimental. Não pretende-se perseguir verdades acabadas, mas novos olhares, encontros, deslocamentos e aberturas possíveis a partir das vivências narradas.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Doutorando do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF, email: victorn@id.uff.br

Compreendemos a cartografia cognitiva como uma categoria de estudo com espaço para experimentações e que se adequa bem ao nosso escopo. Esta linha de análise, na ideia de Deleuze e Guattari (1995-1997), propõe acompanhar processos e não simplesmente representar objetos. Trata de um percurso de ações que investiga movimentos contínuos, sem meio nem fim totalmente delimitados, apenas recortes possíveis. Como orientação metodológica, a cartografia estabelece critérios, métodos e produz pistas que devem servir para descrever, discutir e tornar pública a experiência científica.

Para o nosso trabalho, determinamos uma sequência de atividades metodológicas que orientam o percurso, passando por formulários, entrevistas, caderno de campo e acompanhamento sistêmico. Por compreendermos a identidade dos nossos investigados como fundamental, decidimos iniciar o trabalho com “fichas de identidade”, questionários dinâmicos baseados em criação de personas e desenvolvimento de personagens em jogos de interpretação que possam servir de espaço aos participantes da pesquisa para refletirem e falarem sobre si.

Neste estudo, envolvemos dez jovens no grupo controle e cinco de participação prolongada, vindos de diferentes contextos, que nos servem como pontos de partida para desenhar nossa cartografia cognitiva. Partimos da percepção de que a juventude é uma condição socialmente posta, não necessariamente etária, em que um determinado sujeito é aceito dentro de um “período limiar”³ (TURNER, 2005).

Karl Mannheim (1993) nos ajuda a compreender a existência de diferentes grupos de jovens formados em contextos sociais diversos, ainda que haja proximidade etária. As percepções de mundo tendem a ser divergentes na medida em que estas juventudes se subdividem em posições sociais, como gênero, classe, raça, origem, moradia etc. A identidade nos é cara tanto pelo sujeito que se vê pertencendo a uma determinada geração e juventude quanto pelo olhar que dispõe ao outro a partir do seu reconhecimento social constituído. A ideia de que a percepção de um sujeito externo dialoga intimamente com um determinado entendimento de si, das características que o indivíduo julga como definidoras do seu lugar social (TAYLOR, 1994) é fundamental.

³ O período limiar é o estado de transição em um rito de passagem, quando o ser-transicional está ao mesmo tempo não-mais-classificado e ainda-não-classificado.

FUNDAMENTAÇÃO E METODOLOGIA

O percurso cartográfico é útil para verificar processos contínuos, e se adequa bem à nossa proposta acompanhar os consumos midiáticos de jovens brasileiros contemporâneos, em uma tentativa de adequar nossa percepção sobre suas formas de interagir com o mundo e com o jornalismo. Para tanto, recrutamos cinco pessoas entre 16 e 18 anos, moradores de Niterói/RJ, que apresentam diferentes relações e conexões geracionais ou percepções de identidade. O projeto como um todo visa acompanhar estes informantes por 36 meses, mas a análise atual se limita a registrar aprendizados na criação e aplicação de questionários a estes jovens, além de outros dez em grupo controle, medida inicial do projeto para traçar ideias de identidade.

A importância das fichas tem destaque nos seguintes aspectos práticos: confirmar a diferença entre os perfis dos informantes a partir de suas próprias percepções; verificar mudanças na autopercepção dos jovens ao longo da pesquisa; buscar um novo informante de perfil semelhante caso haja desistência no longo processo da pesquisa maior.

Trabalhar Identidades é primordial quando pensamos a relação com o Outro e a percepção de representatividade através das mídias. Isso sobretudo porque o sujeito se define a partir do contato com o exterior, entende-se ao perceber a existência de outros. A partir disso, aproxima-se ou diverge daquilo com o que tem contato. A concepção indenitária do sujeito contemporâneo difere-se aqui daquela de sujeito iluminista ou moderno e se mistura através das diferentes vivências, culturas, interações, processos, agenciamentos, devires e mediações (HALL, 1999). Isto quer dizer que a "identidade se revela como invenção e não como descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção" (FARIA; SOUZA, 2011, p. 37).

Diante da complexidade que envolve a construção teórica e prática da ideia de Identidade, ficou claro que uma abordagem interdisciplinar seria mais apropriada nesta etapa da pesquisa. Como nos sugere Stuart Hall (1999), os impulsos do pensamento contemporâneo estão por romper fronteiras disciplinares, o que nos abre espaço para outros tipos de conhecimento, temáticos. Este percurso abre espaço de visibilidade a questões mais profundas como a da Identidade.

Para a concepção de nossa ficha, partimos dessas ideias e aliamos a outros conceitos já conhecidos de diversas áreas, como da Psicologia, pelos Perfis

Comportamentais e Tipos de Personalidade⁴, por exemplo. Além disso, tomamos como parâmetro pesquisas relacionadas a metodologias com questionários, criação de *personas* na Publicidade, e criação de personagens de jogos de RPG (*Role-Playing Game*) – este último principalmente para a concepção visual de nossas fichas, buscando trazer leveza, dinâmica e reconhecimento aos investigados. Além disso, utilizamos a Evocação Livre (REIS; BELLINI, 2015)⁵ e construção do autorretrato (RAUEN; MOMOLI, 2015) como ferramentas de estímulo à reflexão e autopercepção. Mas todos esses pontos nos serviram apenas de partida, já que a utilização do grupo controle trouxe novas ideias e ajustes ao formulário.

Por mais útil que a ficha seja, segue sendo apenas uma das ferramentas de apuração do estudo. De modo geral, compreendemos que a Identidade pessoal é sempre um processo, complexo e mutável, que se transforma e se desenvolve ao longo de cada percurso de vida. Ela se manifesta e constrói a partir de elementos íntimos (como identidade de gênero; pensamento político; moralidades; estilo estético; crenças e devoções; expressões da língua e linguagens; expressões comportamentais; gostos e preferências; opções de lazer; autorregulação; relação com o próprio corpo e autopercepção) e elementos externos (como tradições culturais; influência familiar; influência comunitária; pertencimento em grupos; profissão; sistema educacional; idioma; âmbito geográfico e residência; relação interpessoal; percepção externa; experiências de vida). Dito isso, será também interessante recuperar a verificação identitária por ficha com o passar dos anos.

CONTRIBUIÇÕES

Nossa ficha é formada por três páginas bem desenhadas e contém desde perguntas sobre nome, apelido, idade e local de moradia até questões bem mais amplas como nível de popularidade, influências, personalidade, autoestima, redes sociais mais usadas, pessoas preferidas no mundo etc. Existe uma tentativa de equilíbrio entre deixar espaços

⁴ Jung identificou 4 funções que deram origem aos Tipos de Personalidade, que são orientados pelas 4 funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição.

⁵ Uma das mais tradicionais metodologias para identificar representações sociais é a coleta de dados. Existem diversas formas de se trabalhar neste método, mas a maioria delas envolve amostras quantitativas vindas de representantes de diferentes grupos para evidenciar processos sociais. Uma das técnicas utilizadas nesse método é a da Evocação Livre de palavras ou temas provocados a partir de um estímulo gerador.

para a escrita livre das respostas dos informantes e, ao mesmo tempo, livrá-los do trabalho de escrever por longos períodos. A maioria das perguntas é aberta a interpretação e há liberdade para as respostas. Existe ainda um espaço para que o jovem desenhe seu autorretrato, uma forma de propor aos entrevistados que tragam suas próprias representações corporais em ilustração à pesquisa.

Optamos por desenhar o questionário com inspiração em fichas de personagens de jogos de interpretação (RPGs) – físicos e digitais – como forma de simplificar e tornar a ferramenta mais visual. Além disso, a setoração de elementos em formato similar à estrutura gameficada poderia gerar uma maior aproximação das juventudes.

Uma vez que nossa pesquisa cruza o mais diferentes possíveis perfis de jovens dentro de uma mesma cidade, o texto foi adaptado de forma a tentar simplificar termos não só visando idades, mas também os acessos de cada grupo e possíveis léxicos específicos.

O formato impresso foi mantido como uma tentativa de coletar mais detalhes de expressão dos participantes, porém isso trouxe também alguma resistência. A ideia de parecer uma obrigação ou “dever de casa” (quando indicado para ser preenchido e entregue em outro momento) e a necessidade de escrita à mão, mesmo que reduzida e livre, foram entraves. Observamos que o êxito da aplicação foi maior quando os jovens foram acompanhados lado a lado durante o processo de preenchimento. Houve uma participação de 100% dos convidados, porém com necessidades de reforço e lembrança (tentando não soar como cobrança) em casos específicos. Por três vezes foi necessário propor preencher o formulário lado a lado.

É possível afirmar que o perfil do jovem entrevistado é determinante para sua adesão ou não ao formato, de modo que pesquisas direcionadas a perfis menos fracionados podem ter chance maior ou menor de êxito. O uso do impresso traz benefícios e complicações, mas os dados coletados foram bastante relevantes para a continuidade do projeto. Entendemos que o modelo usado neste trabalho pode servir como inspiração para uso em outros estudos.

REFERÊNCIAS

BAJARDI, ALICE. (2015). La identidad personal en relación con la educación: características y formación del concepto. **REIDOCREA, Monográfico identidad y educación**, Artículo 15, p. 106-114.

CORREIA, Maria Rosalia de Azevedo. **Construção de Identidades em Psicologia**. 2007. 255 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FARIA, Ederson; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 15, n.1, p.35-42, 2011.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, p. 192-242, Madrid, 1993.

PASSOS, Eduardo; DE BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

RAUEN, Rosilene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 51-73, 2015.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e Educação Ambiental. **Acta Scientiarum - Human and Social Sciences**, v. 33, nº 2, p. 149-159, 2011

TAYLOR, Charles. **Multiculturalism: Examining the politics of recognition**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

TURNER, Victor W. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói, EdUFF, 2005.